

LUZ, CÂMERA, *AMSTERDAM*



Jacob Olie

Cas Oorthuys

Sergio Zalis

APOIO

BHU Banco

Banco Holandês Unido



Shell Brasil S.A./Billiton

Esta S.A.

FINK

Transportes Fink S.A.

Projeto Gráfico:
Romildo Castro Gomes

Composição/Arte-Final e Impressão:
Editora Lidador

Com agradecimento:
— Ministério das Relações Exteriores em Haia
(Leo Verheyen, DVL/VK)
— Eduardo Kac
— Marcelo França
— Charles Hogenboom
— Beatriz Guimarães
— Irma, Cecília, Olga, Mônica e Marisia.

O texto integral e as fotos aparecerão
na **Crônica da Holanda** n.º 102.

Rio de Janeiro, 1986

ARQUIVO SOLAR GRANDJEAN DE MONTIGNY
CENTRO CULTURAL PUC — RJ.

LUZ, CÂMERA, *AMSTERDAM*

Jacob Olie
Cas Oorthuys
Sergio Zalis

ARQUIVO SOLAR GRANDJEAN DE MONTIGNY
CENTRO CULTURAL PUC — RJ.

Realização:
Johan Dirkx,
Cônsul de Imprensa e Cultura do
Consulado Geral dos Países Baixos no Rio de Janeiro
Solar GrandJean de Montigny da PUC-RJ

Com grande prazer gostaria de dedicar algumas palavras à excepcional exposição de fotografias a que se refere este catálogo.

Amsterdã nos proporciona uma oportunidade para conhecê-la através de uma seqüência de fotos de três autores diferentes, cuja obra conjunta se estende por um período de cem anos.

Um período que revela tanto modificação como continuidade.

O fundo permaneceu praticamente imutável por muitos séculos: os canais, as imponentes casas senhoriais, as ruas estreitas do velho bairro De Jordaan.

No decorrer do tempo, entretanto, surgiu uma outra imagem de rua. Antigas profissões desapareceram; os meios de transporte se modificaram. Os trajes evoluíram, do vestuário da Idade Média ao punk.

Contudo a alma da cidade não se modificou, envolvida sempre com as alegrias e tristezas de seus habitantes. Tão rebelde quão tranquila em sua beleza.

Faço votos de que esta mostra, organizada por iniciativa do Adido Cultural Johan Dirkx, possa lhes dar uma imagem dessa belíssima cidade que constantemente se renova: a antiga Amsterdã.

Hubert van Nispen tot Sevenaer
Embaixador dos Países Baixos

Amsterdam em Fotos ***A política adotada pelo Arquivo Municipal da cidade***

A maioria das fotografias aqui apresentadas pertence ao Arquivo Municipal de Amsterdam. Que faz uma fotografia artística num arquivo público? Tentarei responder em poucas palavras.

O Arquivo Municipal de Amsterdam não apenas guarda a memória da cidade desde a Idade Média como ainda vem incorporando arquivos particulares através dos tempos: arquivos de igrejas e associações esportivas, de armadores e até de políticos. Em seu centro de estudos históricos, recebe diariamente centenas de visitantes, estudiosos ou apenas curiosos. Para pesquisa, dispõe de uma grande biblioteca além de um "Atlas histórico topográfico" composto por 300.000 gravuras, desenhos, fotos, cartazes, mapas e plantas de construções. O Atlas foi fundado em 1856. Desde o início sua política foi 1) colecionar da maneira mais abrangente possível do ponto de vista temático e 2) documentar o melhor possível o que acontece agora. Portanto, colecionar para o futuro. Seus administradores não se limitam a imagens registradoras ou técnicas; procuram igualmente imagens artísticas dos temas a serem documentados na convicção de que somente um artista consegue evocar a atmosfera peculiar de uma cidade, o caráter do retratado, ou a tensão de determinado momento histórico. Pela mesma razão, não se satisfazem com cópias, mas buscam preferivelmente

o original. No caso da fotografia, busca-se uma revelação feita pelo próprio fotógrafo.

Na prática, isso nem sempre é possível em vista da falta crônica de numerário. Mesmo assim persegue-se a arte e a autenticidade. Essa tradição deu ao Arquivo Municipal uma imagem da cidade através dos séculos, vista pelos olhos tanto do homem comum quanto do artista. Assim, a coleção de imagens municipais de Amsterdam ganhou uma imensa dimensão histórica, e se destaca entre as dos demais arquivos públicos neerlandeses.

As fotos da presente mostra provêm em parte do Arquivo; umas foram obtidas diretamente de fotógrafos independentes, como no caso de Sergio Zalis; outras conseguidas em leilões ou antiquários; algumas doadas pelo fotógrafo ou seus herdeiros, como no caso de Jacob Olie, outras ainda representam encomenda de material documentário.

A primeira série feita por encomenda retrata o famoso bairro popular "De Jordaan", ameaçado de saneamento ou demolição na década de 20. Com frequência são também encomendados desenhos, desde 1934, financiados por uma verba própria do Departamento de Assuntos Culturais da Prefeitura. Muito tempo se passaria até que fosse feita a primeira encomenda de pesquisa fotográfica, o que ocorreu em 1971. Um regulamento municipal estipula que as verbas para prêmios, estipêndios e encomendas serão administradas pela Fundação Amsterdamesa de Arte, criada para aquele fim com diretoria e secretário. Em princípio, podem ser encomendados dois tipos de fotos: experimentais (ou livres) e documentárias. Um conselho consultivo com três especialistas em fotografia é anualmente indicado para cada setor, e julga as propostas. Até agora, seus pareceres têm sido sempre acatados pela administração. Os assuntos são sugeridos pelos próprios concorrentes, que se podem inspirar em sugestões do próprio Arquivo Municipal. A verba anual para fotos de documentação é de 55 mil florins (cerca de 300 mil cruzados) e financia de 3 a 5 pesquisas encomendadas. O resultado de cada encomenda representa cerca de 40 fotografias frequentemente selecionadas de comum acordo entre o Arquivo e o fotógrafo que formam uma imagem coordenada e harmoniosa de determinado tema.

A pedido do fotógrafo contratado, o Arquivo pode intervir junto a autoridades pouco cooperativas para facilitar o trabalho. Graças à liberdade que concede e à troca regular de idéias, o Arquivo Municipal dispõe agora de mais de 70 reportagens instrutivas e, frequentemente belíssimas, sobre assuntos os mais

diversos: jardins públicos, vida religiosa, prisões, cultura jovem, música clássica, pensões para imigrantes, bairros característicos, limpeza urbana e outros. A cada dois anos, o resultado desse labor fotográfico é apresentado nas salas de exposição do próprio Arquivo Municipal. O sucesso destas encomendas levou outras repartições públicas, como a Seção de História Neerlandesa do Museu Nacional, a adotar a idéia. A partir deste ano, por exemplo, o Ministro da Saúde, Cultura e Bem-Estar irá estimular as encomendas fotográficas pela concessão de subsídios para projetos interessantes.

Amsterdã ainda encomenda fotos histórico-documentais, beneficiando fotógrafos de renome antes de 1971, que vivem hoje em situação precária. Solicita-se que façam uma seleção de suas obras antigas de maior significação (em combinação com o Arquivo Municipal) para justificar um auxílio financeiro. Em alguns casos, esta ajuda chega demasiado tarde como aconteceu com Cas Oorthuys. Esperamos entretanto que por intermédio de sua viúva, Lydia Oorthuys, seja feita em breve uma encomenda de material histórico documental em caráter póstumo.

"Luz, Câmera, *Amsterdã*" é, como se vê, muito mais que a simples documentação de uma cidade neerlandesa. Esta exposição traduz, na verdade, a alma de um povo recriada magicamente nos tons claros e escuros de três artistas da imagem fotográfica.

Boudewijn Bakker

Amsterdã: tempo e espaço

Tem sido uma tradição da pintura holandesa registrar a paisagem típica e humana do país. Os arquivos municipais, no rastro dessa tradição, vêm, cada vez mais, se preocupando em documentar minuciosamente através da fotografia, a vida das cidades, as mutações causadas pelo tempo, as interferências urbanas.

Feliz país a Holanda, onde órgãos oficiais estimulam este tipo de atividade, onde a preocupação com a preservação da memória se revela através de medidas práticas, de fácil execução, como a compra de imagens e a contratação de fotógrafos.

Neste sentido, "Luz, Câmera, *Amsterdã*" adquire especial significado, pois é apresentado em um país em que a preservação da memória foi e continua a ser quase sempre, fruto de um trabalho solitário, fruto apenas amoroso de algumas pessoas.

Se tal prática institucional tivesse sido adotada no Rio de Janeiro, por exemplo, se a destruição urbana pudesse ter sido permanentemente exposta aos olhos do público, possivelmente um grito de horror e de alerta teria ecoado a tempo de salvá-lo.

Esta é uma mostra exemplar, não apenas pelo seu caráter memorialístico, mas sobretudo pela qualidade das imagens. Algumas delas, como as de Sérgio Zalis, nos fazem conviver com o capricho doméstico holandês, exaustivamente explorado na tradição pictórica do país e que fez as delícias dos quadros de Vermeer de Delft.

Marcel Proust, na sua "Recherche", nos fala de uma visita feita por ele a uma fazenda do interior da França na qual, durante o almoço servido na mesa cuidadosamente posta, observando os reflexos do sol de meio dia nos descansos de vidro descobre que, nesse momento, eles são tão belos quanto os vitrais de Chartres. Da mesma forma muitas das fotos aqui apresentadas revelando o cotidiano dos seres, suas camas, objetos, tomadas de luz, insignificâncias, são tão belas e reveladoras quanto as fotos que mostram ruas, casas, pontes e canais. Penso que o universo holandês tem mais a ver com os descansos irisados por Proust, do que com os vitrais de Chartres.

Os homens são, muito mais, habitantes do tempo do que habitantes do espaço — e os fotógrafos, com o olho revelador e inquiridor de sua máquina, conseguem captar magicamente a ilimitada dimensão temporal em uma singela superfície espacial. E é através do encanto fascinante das fotografias de Olie, Oorthuys e Zalis, que uma cidade, feita à imagem e semelhança de seus moradores, se revela e se esconde — guardiã de seus mistérios e de seus segredos reconhecidos.

Rachel Jardim

Amsterdã, em três tempos e três visões

O risco maior de toda exposição coletiva centrada num tema único, é o da redundância, do desdobramento inócua e injustificado de uma mesma idéia até a exaustão.

Felizmente, isso não ocorre nesta mostra. Não existe aqui nenhuma superposição, nenhuma flatulência, nenhuma repetição. Estamos diante de três visões nitidamente distintas, independentes e complementares. Elas não se repetem no tempo, nem quanto ao estilo. Apenas o espaço é o mesmo: o da cidade de Amsterdã, localizada alternadamente no período de um século. Jacob Olie a documentou sobretudo no último decênio do século dezanove; Cas Oorthuys, focalizou-a nas décadas de quarenta, cinquenta e sessenta; enquanto Sergio Zalis fechou o ciclo, fotografando-a nos dias de hoje, às vésperas de outro milênio.

Jacob Olie registrou um dos períodos de maior efervescência e prosperidade de Amsterdã. E o espantoso é que ele tenha conseguido captar a essência da ebulição circundante com o lento, pesado e incômodo equipamento da época — ainda munido de chapas de vidro. Sua Amsterdã é realmente explosiva, conforme assinalou Wim Klinkenberg num livro dedicado à sua obra. As ruas transbordam de gente zanzando para todos os lados, entregues às mais diversas ocupações, preenchendo todas as gamas do trabalho ao lazer. Sua composição é solta, dinâmica e despreocupada. Pouco lhe importa cortar ou não os pés dos transeuntes ou o focinho de um cachorro parado na esquina. Sua preocupação é de tudo registrar, de oferecer um testemunho abrangente de seu tempo — que tinha consciência de ser privilegiado — e nessa busca, ele não pode se sobrecarregar de conceitos estetizantes.

Cas Oorthuys ao contrário, não se permite o mínimo deslize. Suas composições são rigidamente estruturadas, marcadas pela busca evidente e incansável de ângulos ousados e expressivos, que denunciam a vontade de interpretar fotograficamente a realidade. Porém, longe de se perder em vãs pirotecnias estilísticas, ele aprimora suas investigações

visuais (como o uso do ângulo alto, do ângulo baixo e dos contrastes fortes), para melhor expressar um determinado ponto de vista, para acentuar ou dramatizar a idéia que pretende transmitir. As fotografias que fez de Amsterdã durante a Segunda Guerra Mundial refletem com perfeição a tristeza que se abateu sobre a cidade e seus habitantes. Enquanto as fotos produzidas nas décadas seguintes glorificam o energético esforço de reconstrução empreendido; a tentativa de estabelecimento de uma sólida ponte entre o passado e o futuro. Tentativa que é sintetizada na figura desse personagem que contempla a cidade velha do alto do terraço do Banco Central dos Países Baixos. Podemos lhe atribuir tanto sentimentos de nostalgia ou de orgulho pelo caminho percorrido, o que ninguém pode negar no entanto é a ânsia modernizadora de Oorthuys, admiravelmente condensada nesta imagem.

Sendo estrangeiro, Sergio Zalis renunciou sabiamente à panorâmica geral da cidade — que resultaria certamente incompleta e recheada de clichês desgastados, como fotos dos canais e das prostitutas nas vitrines — para mergulhar na prospecção mais aprofundada do bairro De Jordaan. Movido por uma vontade sincera de entender, de estabelecer contato mais estreito com essa nova realidade, ele simplificou suas imagens, em favor de uma clareza maior. Focalizando Amsterdã quarenta anos depois de Oorthuys e cem anos depois de Olie terem começado a fazer o mesmo, ele empregou um estilo situado na confluência dos estilos de seus predecessores: nem tão rebuscado quanto o de Oorthuys, nem tão descompromissado quanto o de Olie. Deixando de lado o genérico, ele concentrou-se nos habitantes. E estes, confirmando a fama de liberalidade dos holandeses, não hesitaram em abrir as portas de suas casas ou de suas almas para esse intruso que os encarava com simpática cumplicidade.

São três maneiras diferentes de ver o mundo, que espelham com justeza três períodos, três humores bem distintos de Amsterdã: a euforia do final do século passado, a conturbada transição dos anos de guerra e de pós-guerra e a alegre tranqüilidade atual.

Pedro Vasquez

JACOB OLIE
1834-1905

Jacob Olie

A casa em que nasceu Jacob Olie ficava junto ao porto de Amsterdam onde seu pai e seu avô foram balseiros. Quando rapaz, estagiou junto a um arquiteto; mais tarde tornou-se professor de desenho e diretor de uma escola de artes e ofícios.

Jacob Olie se interessava muito pelas artes plásticas, e desenhava muito bem, porém sua paixão desde cedo foi a fotografia. Provavelmente foi estimulado pela grande exposição fotográfica organizada em 1855 pela associação de pintores "Arti et Amicitiae". De qualquer forma, suas fotos mais antigas datam do período 1860-1870. São em parte retratos, em parte flagrantes da cidade na vizinhança imediata de sua moradia. Após o casamento em 1870, Olie parou de fotografar por cerca de 20 anos, embora se saiba que adquiriu uma lente na Exposição Mundial de Paris em 1870, para uma câmara que ele mesmo construiu, em madeira. Em 1890 Olie se aposentou e foi principalmente nos quinze anos seguintes, até sua morte em 1905, que colecionou milhares de negativos: o resultado de sua atividade incansável de fotografar tudo que lhe interessava na rua, fossem pessoas fazendo compras, uma nova igreja, o corpo de bombeiros, um vôo de balão dirigível, os primeiros automóveis ou simplesmente uma praça ao sol.

Olie enxergava com olhos de jornalista imensamente interessado por tudo que dizia respeito à cidade. Suas fotos não são a obra de um artista, embora muitas possuam uma agradável composição e uma divisão de valores luminosos que traem a formação do fotógrafo como desenhista. Porém a maior qualidade de suas fotos reside na escolha ousada do assunto, característica que partilha com outros amadores das primeiras décadas da fotografia.

As chapas originais de Jacob Olie foram herdadas por sua filha que há vinte anos as doou ao Arquivo Municipal de Amsterdam, juntamente com revelações feitas pelo próprio. Elas constituem o cerne de uma ampla coleção de fotos documentárias da Amsterdam do século XIX.

(BB)









CAS OORTHUYNS
1908-1975

CAS OORTHUYS

Cas Oorthuys, nascido em Leiden, era filho de um pastor protestante. Diplomou-se em arquitetura em 1930, em meio à crise financeira que assolava a Europa. Mudou-se para Amsterdam onde não encontrou trabalho permanente mas conseguiu se desenvolver passando de amador a fotógrafo profissional, sobretudo em composição fotográfica e foto-reportagem. Inicialmente trabalhou no círculo dos "Fotógrafos Trabalhistas", um grupo de esquerda que queria usar a fotografia como arma na luta de classes. Lá recebeu lições do conhecido cineasta documentarista Joris Ivens, porém de maior importância para seu desenvolvimento foi o contato com Paul Schuitema, uma das grandes figuras da "Nova Fotografia" nos Países Baixos, um movimento que pretendia "liberar a fotografia da arte pictórica".

Cas Oorthuys fazia capas para publicações da esquerda socialista, como "Links Richten"; mais tarde, como colaborador permanente, fez reportagens fotográficas para as revistas da editora "De Arbeiderspers" (A Imprensa Trabalhista).

Em 1940 os Países Baixos foram ocupados pelos alemães. Oorthuys abandonou a editora para juntar-se à Resistência onde, entre outros, falsificou carteiras de identidade; como membro do grupo ilegal "A Câmara

Submersa" documentou a ocupação alemã e suas consequências.

Após a guerra a atividade fotográfica de Oorthuys tomou outro rumo; menos que antes, ele se preocupava com a utilização social e política de seu trabalho; em compensação, mais que antes, a paisagem entrou em seu campo de percepção, ao lado do ser humano.

Com frequência, por conta da editora "Contact", Oorthuys viajou muito e compôs uma série impressionante de álbuns fotográficos: o primeiro deles, "Amsterdam", data de 1936. Além disso colocou seu talento a serviço da Reconstrução, como testemunham várias reportagens industriais que fez para o governo e para a iniciativa privada.

As fotografias aqui expostas provêm sobretudo deste período pós-guerra. Característicos de seu trabalho são de um lado o forte senso de composição e precisão técnica, baseados nos princípios da "Nova Fotografia"; e por outro, seu grande amor pela humanidade e pelo mundo que confere um caráter quente e humano às paisagens mais abstratas de Oorthuys.

Cas Oorthuys faleceu em 1975. Desde então seu arquivo é administrado por sua viúva à cuja colaboração devemos a seleção de fotos apresentada.

(BB)









SERGIO ZALIS
1955

Sergio Zalis

Sergio Zalis tem uma trajetória curiosa: é um carioca que nasceu em Buenos Aires, e um fotógrafo que começou estudando economia. Ao contrário da maioria dos fotógrafos brasileiros, lamentavelmente condenados a um autodidatismo doloroso e desgastante, ele teve a oportunidade de empreender estudos aprofundados em fotografia. Iniciou-se na Escola de Fotografia do Hadassa Community College em Israel, para realizar em seguida um curso de pós-graduação na Faculdade de Comunicação Visual de Amsterdam, graças a uma bolsa do governo holandês.

A qualidade de seu trabalho comprova que ele aprendeu a lição, colocando a sólida base técnica adquirida a serviço de sua sensibilidade. Sensibilidade que ele têm sabido canalizar na direção certa com incontestável eficiência. A seriedade com que encara a fotografia e o respeito que dedica aos outros seres humanos, estão expressos nos ensaios de documentação que realizou sobre os bairros de Manila em Jerusalém (1980) e De Jordaan em Amsterdam (1982), e sobre a presença dos judeus na região Amazônica (1981). Sua competência profissional ficou evidente nos dez anos (1976-86) em que colaborou com diversas publicações de Bloch Editores, entre as quais a revista Fatos, da qual foi editor de fotografia. Seu lirismo, encontrou livre espaço para se expandir na ilustração de 20 poemas de Carlos Drummond de Andrade, para um livro de mesmo nome editado na Holanda em 1985 — e que aliás deveria ser lançado aqui sem mais tardar.

Sergio Zalis é um fotógrafo para se ficar de olho, pois seu trabalho só tende a crescer nos próximos anos.

(PV)









Legenda das fotos

Capa (foto **Cas Oorthuys**): Entrada no bairro "De Jordaan" (1938)

Fotos de **Jacob Olie**:

Pág. 9 — Lijnbaansgracht/Reguliersgracht (1895)

Pág. 10 — Het Gebed zonder End (1892)

Pág. 11 — Het Singel (1893)

Pág. 12 — A Antiga Vijzelstraat (1891)

Fotos de **Cas Oorthuys**:

Pág. 15 — Foto Clandestina durante a Ocupação Nazista (1941)

Pág. 16 — Wachtende mannen / Homens esperando (1956)

Pág. 17 — Winter / Inverno (1952)

Pág. 18 — A nova Vijzelstraat (1947)

Fotos de **Sergio Zalis** (tiradas no bairro "De Jordaan", 1982):

Pág. 21 — Garotos no snackbar

Pág. 22 — Garoto numa bicicleta

Pág. 23 — Pedreiros

Pág. 24 — Aposentada

As contribuições:

— **Boudewijn Bakker,**

Diretor do Departamento de fotografias do Arquivo Municipal de Amsterdam

— **Rachel Jardim,**

Diretora da Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico, Secretaria Municipal de Cultura, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

— **Pedro Vasquez,**

Diretor do Departamento de fotografia do Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro.